

S. Paulo

27 DE JUNHO.

Chegou Sarah Bernhardt.

Teve uma recepção entusiástica. A estação do Norte estava apinhada de gente; não se podia respirar no meio daquelle apertão.

Quando a notavel artista apeou do trem, as senhoras que ali tinham ido vê-la fizeram-lhe alas para a deixar passar. Até ao entrar no carro que a conduziu ao hotel, não se ouviram senão vivas e hurrahs. Foi com dificuldade que conseguiu atravessar a multidão.

O theatro, apesar dos preços elevados, está quasi todo tomado e esperam-se quatro enchenes reaes nas quatro recitas. Ha uma curiosidade enorme de ouvir Sarah Bernhardt. Cremos que o S. José vai registrar os maiores successos da sua existencia.

Amanhã teremos portanto a 1ª recita com a *Fédora*.

A Sra. Mantelli, contralto, calorosamente elogiada pela imprensa paulistana e muito recommendada pelo nosso amigo Carlos Gomes, apenas pôde apresentar a sua sympathica voz e dar algum realce ao papel quasi insignificante de Siebel; mais do que isso é impossível por não se prestar a sua parte; contudo, pelo pouco que ouvimos, podemos contar com uma artista de merecimento, encarregando-se de parte mais importante.

O Sr. Zardo deu-nos um bom Valentin, mas é papel que difficilmente pôde ser posto em relevo, porquanto a partitura lhe consigna um lugar de segunda ordem.

O importante personagem Mephistopheles não achou no Sr. Roveri artista capaz de arcar com as difficuldades dramaticas e musicas.

Como actor conhece-se o constrangimento, a falta de jogo scenico e a frieza da acção, que chega a perder-se no 4º acto, na importante scena da igreja.

Como cantor — se podemos elogiá-lo no *Dio dell'or* — temos o desprazer de notar a serenata interpretada como se della se encarregasse um inexperiente da scena lyrica, além da desastrosa gargalhada da scena do jardim.

Ficou para o fim a Sra. Bulicoff; mas, como os ultimos serão os primeiros, damos-lhe o primeiro lugar, sem reservas, na execução de toda a opera.

Notar-lhe-hão amanhã pouca expressão no *C'era un ré, un ré di Thulé*; mas fica ainda a graça com que cantou o allegro final, conhecido pelo nome de aria das joias.

Fria na parte dramatica durante a maldição, tornou-se merecedora de honrosa distincção durante o magnifico duetto do 3º acto, onde teve momentos de felicidade e tocante ternura.

Terminaremos declarando que a impressão do conjunto, isto é, a impressão geral da opera, como se tratassemos de um quadro — foi má.

O preludio, o côro de camponios, a kermesse e a marcha, sem falar em pequenos incidentes, foram mal executados — parte devido á orchestra — parte ao má ensaio dos côros.

A marcha, sobretudo, apesar de ser pessima a fanfarra que entra em scena, teve por falta da orchestra — um desentrou, que atormentou o publico durante oito ou nove passos.

A entrada foi feita a tempo, mas o desentrou tornou-se logo manifesto, sem que disso se apercebesse quem devia estar de aviso.

Melhor será não repetir o *Fausto* sem acurados ensaios.

OSCAR GUANABARINO.

O dia 2 de Julho, glorioso anniversario do dia em que a primogenita de Cabral se libertou do jugo colonial, será dignamente celebrado pelos bahianos residentes nesta côrte com uma esplendida festa que se realizará no theatro Recreio Dramatico, revertendo o producto para os cofres da Associação Bahiana de Beneficencia, uma das mais importantes e bem constituidas que entre nós existem, graças aos constantes esforços e incansavel dedicação dos seus fundadores e directores.

O programma desta grande festa é por si tão convidativo que nos julgamos dispensados de fazer qualquer *réclame*.

No Recreio Dramatico repete-se hoje *A estrangeira*, desempenhada pela excellente companhia do theatro D. Maria II.

No Sant'Anna temos a sempre applaudida *Donzella Theodora*, precedida pela opereta *Violetta e o seu boneco*.

Achando-se restabelecido o distinctissimo 1º tenor Sr. Bertini, terá lugar amanhã, a sua estréa na *Aida*.

excepções, apenas apresentam o fructo dos seus estudos colhidos nas obras dos mestres.

Não, mil vezes não. Grite quem quizer, seremos obstinados, muito embora dahi nos venha o titulo de pervicaz.

Nada custa dizer aos profanos e ás novas gerações que começam a ler, o que sabemos, por tradição, sobre as partituras apresentadas ao publico. Os artistas que aqui chegam trazem, quasi todos, o julgamento da imprensa estrangeira, e nem por isso se limitam os taes censores a indicar as gazetas em que o leitor pôde encontrar essas criticas.

E tanto é necessario insistir nessas apreciações, que ha ainda muita gente que não comprehende ou não gosta da musica contemplativa do *Fausto* de Gounod, cheia de poesia mystica, repassada de meditações religiosas, sarcasmos diabolicos, marchas militares que recordam symphonias armonicas e cantos de casto amor, idéas puras de puro idealismo.

A prova do que deixamos dito é o insignificantissimo numero de espectadores que se apresentaram hontem no theatro.

Insistiremos, porém, em proclamar as inspiradas paginas do *Fausto* como a mais philosophica das partituras que existiam até á sua primeira representação na scena parisiense, onde appareceu para reviver no animo das platéas a lenda do grande mestre que na poesia patria não foi excedido, na prosa ainda é estimado modelo, e na sciencia — descobridor de engenhosas leis — Goethe, o Volttaire da Allemanha, o impulsador do scepticismo.

Em tal conceito temos esta opera de Gounod que, se existisse ainda a odiosa inquisição que tantos crimes commetteu e queimasse, hoje, os herejes que se não prostram perante este monumento — talvez encontrasse em nós um defensor, pois nisto veríamos uma especie de selecção nas lutas em que devem morrer os refractarios ás manifestações da esthetica physiologica.

Quizeramos que todos, ao lento cair do pano sobre a scena final do terceiro acto, embalados ainda pelas melodias que se extinguem ao doce clarão do luar que prateia a janella de Margarida, repetissem com o personagem de Shakespeare :

If music be the food of love, play on.
O, it came o'er my ear like the sweet south
That, breathes upon a bank of violets,
Stealing and giving odour.

Passemos agora a tratar dos estreitantes.

O Sr. Figner no papel de Fausto appareceu em scena dominado pelo receio; isso que difficilmente será percebido por quem não estiver habituado a lidar com estreitantes, tornou-se saliente pela transição operada depois de ter ganho confiança com os merecidos applausos com que o publico acolheu a cavatina: *Salve dimora casta e pura*, peça em que pôde e deve ser julgado um tenor que escolhe o *Fausto* para estreiar. Não tinha o medo occultado o excellentissimo timbre da maviosa voz de tenor do Sr. Figner; mas na citada cavatina, além da qualidade de voz, mostrou-se conhecedor da arte de canto, revelando gosto, fineza e correção.

Gratua a intensidade dos sons emitidos com aquella delicadeza usada pelo Marconi e accentua a melodia com fina expressão.

Merece ainda os maiores elogios pela bellissima interpretação do duetto — *tarde si fa, addio*.

Theatros

COMPANHIA LYRICA ITALIANA
Fausto

Bem conhecemos que certas censuras, indirectamente atiradas aos nossos desprezenciosos artigos, não passam de desculpas para as proprias faltas, que mais facilmente seriam perdoadas se, com franqueza, fosse declarada a escassez de tempo para tratar de assumptos alheios á profissão de quem se encarrega de identicos artigos.

Não é facil, bem sabemos, philosophar sobre materia transcendente da arte musical; sejam, porém, consideradas como homenagem rendida aos grandes vultos em cujo espirito brilha a scintilla do genio — as palavras, ainda mesmo repetidas, que fizemos preceder o nosso juizo sobre a interpretação das operas que tivemos de tratar.

Dizer, como nos disseram, que já falamos do assumpto e que recorra ás colleções dos jornaes quem quizer conhecer a nossa opinião — é abdicar a responsabilidade de jornalista, cuja missão é muito mais elevada do que se suppõe.

Admittida a theoria que neste momento procuramos rebater — os professores das academias resumiriam as suas lições na indicação dos bons livros, pois é sabido que todos elles, com rarisimas

« O País » ? e Rio de Janeiro